

PEIXE: PORQUÊ



A ESPÉCIE.

O peixe-elétrico ou poraquê, habita as águas da bacia amazônica, em locais com águas mais calmas e remansos, podendo alcançar mais de dois metros de comprimento.

É um peixe que tem um pulmão rudimentar, podendo respirar na superfície da água, absorvendo o ar, em casos que a água não tiver boas condições de oxigenação. Tem o formato de uma enguia, similar a uma cobra, mas como uma nadadeira do abdômem até a cauda, por baixo do corpo, como as tuviras. Pode nadar para frente e para trás, e na cabeça tem sensores de detecção de campos elétricos. Assim, tanto percebe seus predadores, quanto as presas de que se alimenta, e ainda procurar parceiros sexuais. A corrente elétrica que o peixe produz chega a inimagináveis 600 volts, segundo alguns cientistas e biólogos, e é gerada pela contração de seus músculos especializados. Com tal amperagem são extremamente perigosos, podendo ocasionar uma parada cardíaca e até eletrocussão, no caso do incauto pescador encontrar um cardume de reprodução. Em casos assim, um peixe que libere um choque desencadeia choques por parte de

todos os peixes do cardume, e não raro podem matar cavalo(s) e cavaleiro(s) em pequenos rios e lagoas onde entraram para matar a sede.

Nas ilhas do arquipélago do Marajó, tanto na lagoas quanto nos canais de irrigação a presença de poraquês é comum, e muitos são os anzóis circulares perdidos pelo pescador, pois não há como retirar o anzol da boca de um peixe tão perigoso.



Assim, o recurso é cortar a linha, pois o anzol sofre corrosão em poucos dias, e estando no canto da boca do peixe não atrapalha sua alimentação nesse período. Somente com grossas luvas especialmente feitas para isolar cabos de alta tensão é que pode ser imaginado um rápido manuseio do peixe, e gravações de choques em jacarés que atacaram peixes fisgados demonstram o alto nível de risco em um simples toque, principalmente nos grandes exemplares. Já visualizei grandes poraquês nadando com ondulação e principalmente pela respiração na tona d'água onde sorve oxigênio do ar, e nesses locais, até mesmo a devolução dos peixes pescados para a água, deixando-os oxigenarem antes da soltura, constitui sério risco, pois os predadores detectam a fraqueza e podem se aproximar sem qualquer alarde, surpreendendo o pescador.



Sua carne é tida pelos índios e caboclos como intragável, e o cozimento transforma os músculos em algo parecido com borracha. Quando fígados, mesmo os maiores espécimes não são difíceis de trazer até o barco, talvez cientes que todos sabem o risco que é seu contato.

